



GINÁSTICA ARTÍSTICA E REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADE NO BRASIL

Mariana Harumi Cruz Tsukamoto ¹

Jorge Dorfman Knijnik ²

¹ Universidade de São Paulo – Brasil

² School of Education at University of Western Sydney - Austrália

Resumo: Gênero é um tema ainda pouco discutido em nossa sociedade, apesar de permear todos os momentos de nossas vidas. Na área da Educação Física e do Esporte podemos perceber a manifestação das relações de gênero na determinação de atividades como masculinas ou femininas, o que muitas vezes pode privar os indivíduos de experiências motoras consideradas não adequadas para o seu sexo. No presente estudo de revisão bibliográfica, objetivou-se discutir a questão das relações de gênero no contexto específico da Ginástica Artística para homens.

Palavras-chave: gênero, ginástica artística, masculinidade.

ARTISTIC GYMNASTICS AND REPRESENTATIONS OF MASCULINITY IN BRAZIL

Abstract: Gender is a theme that has little discussion in our society, despite the fact that it is present in all moments of our lives. In Sports and Physical Education field, we could realize the manifestation of gender relationships in the determination of activities as masculine or feminine, what sometimes could deprive individuals of motor experiences considered not appropriated for your sex. The aim of this study of literature review was to discuss the gender relationships in the specific context of Artistic Gymnastics for men.

Keywords: gender, artistic gymnastics, masculinity.

INTRODUÇÃO

A Ginástica Artística (ou Olímpica) vem ganhando nos últimos anos visibilidade nunca antes vista em nosso país. Impulsionada por incontestáveis conquistas de alguns atletas, como Daiane dos Santos, Danielle e Diego Hypólito e Jade Barbosa, o número de praticantes vem apresentando uma taxa de crescimento considerável, vislumbrando um futuro talvez mais rico, em se tratando de número de atletas.

As escolinhas de ginástica proliferam nas escolas e nos clubes, especialmente nos grandes centros. No entanto, observando rapidamente o perfil dos praticantes nestas instituições, notamos um número estrondosamente maior de alunas do que de alunos, o que acaba por se refletir no pequeno número de atletas formados, que competem em nível adulto, na categoria masculina.

Alguns dados de competições organizadas pela Federação Paulista de Ginástica (FPG), confirmam esse fato. Por exemplo, nas duas últimas edições do Troféu São Paulo de Ginástica Artística (1º semestre de 2008 e 2º semestre de 2007), considerado o principal torneio voltado aos iniciantes na modalidade, o prêmio de massificação oferecido neste evento foi para instituições que participaram com 09 e 21 atletas respectivamente. Nessas mesmas edições, o prêmio de massificação na categoria feminina ficou com instituições que levaram 36 e 42 atletas (FEDERAÇÃO PAULISTA DE GINÁSTICA, 2008).

Esses exemplos mostram que, de modo geral, a ginástica ainda tem muito a crescer; e a ginástica masculina alguns obstáculos a vencer.

O objetivo deste texto é colocar em pauta a questão da prática da Ginástica Artística (GA) por parte de indivíduos do sexo masculino e as possíveis relações que esta prática (ou a falta dela) possa ter com algumas concepções de gênero presentes nas simbologias sobre o masculino ou o feminino que predominam em nosso país.

CONCEPÇÕES DE GÊNERO

Apesar de se tratar de uma temática que permeia todas as áreas, as discussões sobre gênero ainda são um tanto quanto incipientes e tímidas, qualquer seja o campo em questão. Tomando conhecimento dessas concepções, percebemos que elas permeiam todas as relações existentes entre os indivíduos, influenciando inclusive e sobremaneira o jogo de poder presente nestas relações.

De acordo com Scott (1995), gênero refere-se a construções cultural e socialmente determinadas sobre os papéis adequados para homens e mulheres. A autora acrescenta ainda que essa é uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres.

Heilborn (1994) menciona que, para as ciências sociais, gênero se refere à “construção social do sexo”. No entanto, a autora lembra que sexo se limita às características anátomo-fisiológicas do organismo masculino e feminino, e que o conceito de gênero vai além, modulando culturalmente a qualidade de ser homem e ser mulher em determinada sociedade.

Complementando, Louro (1996, p. 2) afirma que “gênero não pretende significar o mesmo que sexo, ou seja, enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado à sua construção social como sujeito masculino ou feminino”.

Portanto, podemos entender que gênero é uma classificação determinada social e culturalmente, relacionada às expectativas que determinados grupos sociais atribuem aos homens e às mulheres, em relação aos papéis que devem desempenhar no dia-a-dia. Sendo assim, gênero e suas relações estão presentes em todos os momentos de nossas vidas.

O FEMININO E O MASCULINO

Desde o momento em que nascemos, ou até mesmo antes disso, os papéis que deveremos desempenhar, para nos enquadrarmos em nossas funções enquanto homens ou mulheres em nosso grupo social, já estão estabelecidos.

Aos homens caberá usar roupa azul, brincar de carrinho, ser um apaixonado pelo futebol (no caso dos brasileiros), dirigir em alta velocidade e ser forte. À mulher restaria a roupa cor de rosa, a boneca e a casinha, pular corda, a dança, a ginástica, a beleza e a submissão ao poderoso homem.

Romero (2004), citando Kane e Parks (1992) e Romero (1990), lista algumas características do estereótipo masculino: coragem, firmeza, resistência emocional e física, agressividade, autoritarismo, esportivo, força física e independência. Para as mulheres figuram: a passividade, a dependência, a fraqueza, a elegância, a meiguice, responsabilidade, vaidade, entre outras.

Podemos perceber que nos papéis atribuídos a homens e mulheres, frequentemente encontramos o elemento oposição, como se um fosse o contrário do outro e que, em nenhum momento, existissem pontos em comum. Louro (1996) ressalta que é importante desconstruir essa imagem de oposição binária, em busca de uma afirmação do ser feminino e da igualdade.

A pressão dessa divisão binária se traduz, para as mulheres, principalmente numa constante busca pela igualdade em relação aos homens, e, para os homens, numa cobrança rígida em relação aos padrões de suas atitudes e comportamentos.

Refletindo sobre a construção do papel do homem, Connell (1995) ressalta que os rapazes são pressionados socialmente a agir de determinada maneira, sendo incentivados a se afastarem de qualquer comportamento feminino. Sendo assim, um homem não tem o direito de manifestar seus sentimentos (afinal, homem não chora), reprimindo-os; de acordo com o autor, esta situação pode acarretar em manifestações de violência, crise pessoal ou, ainda, dificuldade nas relações com as mulheres. Pereira (2008) acrescenta ainda que a masculinidade está relacionada ao poder, tanto sócio-político quanto econômico, e à restrições de manifestações de prazer ou emoção.

A literatura indica que o conjunto de “atributos” do homem reflete a existência de uma masculinidade hegemônica, ou seja, um padrão a ser seguido por todos os homens; aquele que não se enquadra em tais perfis, não pode ser considerado como tal. Gomes, Silva e Queirós (2004), citando Louro (2000) e Martino e Berrill (2003), ressaltam que a masculinidade hegemônica se constrói em oposição à feminilidade e à existência de outras masculinidades.

Connell (1995) entende a masculinidade como sendo um conjunto de práticas em torno da posição do homem, na estrutura das relações de gênero. O autor indica ainda que recentemente muito se tem falado em torno da existência de masculinidades, ou seja, de variações do modelo de masculinidade hegemônica. No entanto, sabemos que a manifestação dessas outras masculinidades ainda é um tanto quanto restrita.

A construção das concepções de gênero se dá a todo o momento e é influenciada por todas as atividades desempenhadas no dia-a-dia. Assim, o momento histórico e o contexto social nos quais os indivíduos estão inseridos, interferem sobremaneira no seu entendimento sobre tais concepções. Sem dúvida, as atividades relacionadas à Educação Física e ao Esporte têm uma participação significativa tanto no estabelecimento das concepções de gênero, quanto no reflexo de como determinada sociedade encara tais papéis.

GÊNERO, ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA

Nas escolas, clubes, academias, nos centros esportivos, nas praças, e em outros locais nos quais as práticas corporais se desenvolvem, podemos constatar a afirmação das construções de gênero hegemônicas, anteriormente expostas. Durante as aulas ou momentos de prática, é comum observarmos a divisão de meninos e meninas em suas atividades, cada grupo envolvido com aquelas que socialmente são aceitas para o seu sexo. É por meio das atividades corporais que a construção social do gênero se manifesta de forma viva, pois, para Connell (1995), gênero não é algo etéreo, mas literalmente está “colado” em nossos corpos, marcando rigidamente estes mesmo antes do nascimento.

Sousa e Altman (1999) comentam que desde a introdução da Educação Física na escola brasileira, a generificação esteve presente. Aos meninos, o incentivo rumou para atividades como o futebol e o judô, por serem atividades que reforçam a utilização da força, do contato e da violência; às meninas, consideradas naturalmente perdedoras nestes quesitos, foram

reservadas atividades que prezavam a suavidade, a graciosidade e a distância entre os corpos como a ginástica rítmica e o voleibol.

As autoras ressaltam ainda que os espaços voltados para a prática de atividades físicas e esportivas, tanto formais quanto voltadas ao lazer, são dominados por homens e que, até certo ponto, isto ocorre em virtude de uma expectativa, existente por parte da sociedade, de que isto aconteça. Ou seja, é esperado que homens sejam fisicamente mais ativos do que as mulheres.

Em seu artigo, as autoras também relatam o papel do docente em relação ao reforço dos papéis generificados para meninos e meninas. Zuzzi (2005) apresenta dados que demonstram que, em virtude da pequena discussão em torno do tema durante o período de formação na universidade, o professor acaba por tomar atitudes que enfatizam o poderio masculino e a inabilidade feminina com relação às práticas esportivas.

Recentemente, Angel, Garcia e Zamorano (2007) realizaram um estudo na Espanha no qual se propuseram a ouvir estudantes da escola primária e secundária sobre os estereótipos de gênero vinculados com a Educação Física e com o Esporte. Em suas respostas, os sujeitos deixaram clara a divisão de atividades entre meninos e meninas em virtude de qualidades apropriadas para um gênero ou para o outro; no entanto, foi notado um trânsito entre as atividades, especialmente das meninas para aquelas consideradas “masculinas”. Mais uma vez foi constatada a predominância dos meninos em termos de ocupação do espaço dedicado às práticas, assim como foi notada a influência dos docentes em relação à prática generificada. Nesses casos, os professores deixaram transparecer uma tendência a optar por oferecer atividades tipicamente masculinas, cerceando oportunidades de experiências em outras atividades.

Silva e Daolio (2007) observaram as brincadeiras realizadas por um grupo de crianças na pré-escola em seu momento livre de parque. Mais uma vez ficou evidenciada a divisão de meninos e meninas em atividades consideradas adequadas para estes grupos: futebol para os meninos e brincadeira de casinha para as meninas.

Com relação à prática de atividades físicas entre o público adulto, a dedicação a atividades tipicamente masculinas ou femininas persiste. Sales-Costa et al. (2007) investigaram a prática de atividade física por parte desta população e constataram que os homens se dedicam mais a atividades coletivas (com destaque para o futebol) e àquelas que exigem força (corrida e musculação). Já as mulheres da população estudada se dedicam mais a atividades realizadas individualmente, como caminhada e ginástica.

Através desses exemplos, é possível perceber que as práticas esportivas, as brincadeiras infantis e as atividades físicas são permeadas por relações de gênero, tornando algumas mais adequadas às mulheres e outras aos homens. De acordo com Koivula (2001), essa divisão entre atividades tipicamente masculinas ou femininas é fruto de uma construção histórica, baseada em representações culturais e em relações sociais estabelecidas entre os gêneros.

De acordo com a autora, as modalidades esportivas podem ser estereotipicamente classificadas em femininas, masculinas ou neutras. As modalidades caracterizadas como femininas são aquelas consideradas adequadas para a prática da mulher. A graciosidade e a ausência de agressividade, assim como a busca pela beleza, são características determinantes de uma modalidade classificada com feminina. A autora enfatiza que a presença da questão estética é fruto de uma concepção masculina dominante, na qual o corpo feminino é visto como uma figura ornamental, e funciona como uma fonte de prazer aos olhos masculinos e instrumento de competição perante outros corpos femininos. As modalidades que se encaixam neste grupo são consideradas não só adequadas para as mulheres como também símbolos de feminilidade.

Por outro lado, é também possível identificar alguns exemplos de caracterização das modalidades esportivas como masculinas. De acordo com Matheny (1965 apud KOIVULA, 2001), estas modalidades seriam aquelas nas quais:

- a. existe o contato corporal e a necessidade de sobrepor a força do oponente;

- b. existe a necessidade de utilizar a força corporal perante um objeto pesado;
- c. existe a necessidade de vencer distâncias;
- d. existe a situação de oposição e/ou contato corporal.

Já de acordo com Postow (1980 apud KOIVULA, 2001), as modalidades apropriadas para os homens envolvem atitudes como agressividade, espírito competitivo, disciplina e devoção ao time; ou ainda se constituem naquelas que ressaltam características biológicas nas quais o homem “difere” da mulher, como força e velocidade.

Koivula (2001) realizou um estudo com 403 estudantes de psicologia (179 homens e 224 mulheres), os quais responderam um questionário no qual seria necessário classificar uma atividade de 1 a 7, como não participante da modalidade ou participante da modalidade. Entre as modalidades relacionadas como neutras, ou seja, apropriadas tanto para homens quanto para mulheres, figuram esgrima, vôlei, basquete, badminton, entre outras; entre as modalidades femininas estão a ginástica, o nado sincronizado e a patinação artística; entre as masculinas, encontramos o futebol, o futebol americano, o rugby e o hóquei.

A GINÁSTICA ARTÍSTICA

A ginástica artística (GA) é uma modalidade esportiva caracterizada pela execução e elementos acrobáticos, ginásticos e da dança de maneira combinada, nos grandes aparelhos.

Os aparelhos utilizados na GA diferem do sexo masculino para o feminino. As provas na categoria feminina ocorrem na mesa de salto, nas paralelas assimétricas, na trave e no solo. Para os homens, são utilizados o solo, as argolas, a mesa de salto, o cavalo com alças, as barras paralelas simétricas e a barra fixa.

Para a avaliação das séries realizadas pelos atletas em competições oficiais, existem os códigos de pontuação (um para a categoria feminina e outro para a masculina), ambos elaborados pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). Vale lembrar que o componente artístico só é avaliado nas provas femininas de trave e solo.

Provavelmente, o maior benefício da prática de movimentos ginásticos, e a principal justificativa para a sua importância em programas de iniciação esportiva, seja a promoção do controle corporal, exercitado em uma gama variada de situações durante os giros, os saltos, os balanços, os deslocamentos e as aterrissagens (RUSSEL, 2000). O autor ressalta ainda as contribuições proporcionadas pela Ginástica para grande parte das capacidades físicas, tanto condicionais quanto coordenativas, dentre as quais destacamos a força, a flexibilidade, a coordenação e o equilíbrio.

A história da GA nos remete ao nascimento da Ginástica moderna, ocorrido no século XIX no continente europeu, em virtude do surgimento das Escolas Ginásticas. Considera-se que a escola que mais influenciou a GA, em virtude da semelhança de movimentos e aparelhos, foi a Alemã (SOARES, 1998; PÚBLIO, 2000).

A Ginástica Alemã foi concebida por Fredeich Ludwig Jahn (considerado o pai da GA), no início do século XIX, com a intenção de preparar os jovens para atuarem junto ao exército alemão. Buscava, pois, o desenvolvimento das capacidades físicas de seus praticantes, através de exercícios realizados em aparelhos. Portanto, inicialmente, a prática da ginástica alemã era voltada apenas para os homens, aptos a atuarem em batalha.

Com o passar do tempo, o método se popularizou, e Jahn passou a formar discípulos como Eiselen, Fresen, Massman, Passon, Arndt, Harnisch, Von Raumer, Bernardi, Strauss e Goeth, que auxiliaram na disseminação do método, em especial durante o Bloqueio Ginástico (período no qual a prática da ginástica foi proibida na Alemanha). Durante todo o século XIX, a Ginástica Alemã é difundida, ganha praticantes, influencia e é influenciada por outras escolas ginásticas, e se transforma.

Em 1896, na primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, a Ginástica já figura como uma das modalidades em disputa. No entanto, apenas os homens participaram; esta situação persistiu até 1928, quando as mulheres adquiriram o direito de participar das disputas nesta modalidade em exercícios em conjunto.

Durante todo o século XX, a Ginástica se modificou, ganhou adjetivos (Olímpica e posteriormente Artística) e adquiriu também status de show. As competições atraem milhares de espectadores e telespectadores, encantados com a beleza dos movimentos e a coragem dos ginastas.

OS MENINOS E A GINÁSTICA ARTÍSTICA

A prática da GA se desenvolve em diferentes ambientes: na escola, em atividades curriculares ou extracurriculares, nos clubes, em academias e em centros esportivos, para citar alguns exemplos.

No entanto, especificamente na realidade brasileira, notamos um afastamento do público masculino de atividades que envolvam esta modalidade, pois as pressões das representações de gênero sobre esta atividade são enormes: por ser considerada socialmente uma prática feminina, o estereótipo e mesmo o preconceito sobre os garotos que a praticam muitas vezes os afastam da atividade – os próprios professores e professoras muitas vezes são veículos destas posições rígidas, que refletem uma descabida, do nosso ponto de vista, visão sobre a modalidade. Ao retomarmos as características apontadas como aquelas atribuídas aos esportes femininos, encontramos a graciosidade e o aspecto estético; quando pensamos nas características relacionadas às modalidades masculinas, nos deparamos com a força, a coragem e a disciplina.

Apesar de existir este estereótipo de atividade feminina para a GA, ao confrontarmos as características necessárias a um ginasta e as características de modalidades consideradas masculinas, encontramos semelhanças com aquelas supracitadas.

Além disso, se levarmos em consideração o percurso histórico da modalidade, percebemos que os homens dominaram (e em alguns países ainda dominam) a prática da modalidade, desde a sua origem na Escola Alemã (curiosamente a GA tem um pai, Jahn, e não uma mãe).

Mas qual seria então a origem deste olhar generificado sobre a prática da GA em nosso país?

Certamente, esta situação é um reflexo da manifestação da masculinidade hegemônica presente em nossa sociedade, a qual não permite a co-existência de elementos caracterizados como “masculinos”, como por exemplo, a força para executar um crucifixo nas argolas, com elementos considerados “femininos”, como a necessidade de manter os pés em flexão plantar e a postura de tronco correta.

Além disso, a falta de preparação dos profissionais da área ou a “cegueira” provocada pela reprodução de uma concepção generificada da modalidade, reforça esta imagem perante as crianças, intimidando-as ou impedindo-as de ter a oportunidade de participar de atividades relacionadas a esta modalidade.

A experiência prática retrata que, nos cursos de graduação em Educação Física, a grande maioria dos alunos do sexo masculino se interessa pouco pelas aulas relacionadas à Ginástica, por acreditarem ser este um conteúdo sem importância para a sua carreira profissional, ou ainda “coisa de mulher”. Ao chegar ao mercado de trabalho, conseqüentemente, o profissional nem pensa oferecer a seu aluno a oportunidade de conhecer a modalidade, incluindo aí meninos e meninas, reiniciando o ciclo.

Também entre os pais percebemos a existência deste olhar generificado sobre a modalidade. Enquanto incentivadores e responsáveis pela inclusão das crianças na prática esportiva, muitas vezes por desconhecer os inúmeros benefícios

proporcionados pela prática da modalidade, preferem matricular seu filho numa aula de futebol do que numa aula de ginástica, por receio de que o garoto adquira características femininas.

Como consequência deste contexto, encontramos uma sociedade extremamente analfabeta no que diz respeito à ginástica e que, simplesmente, ignora o potencial desta modalidade.

Em meio a todo este imbróglio, quem perde é a própria criança, a quem é negada a oportunidade de conhecer uma modalidade esportiva extremamente rica do ponto de vista motor, desafiadora e divertida. Neste caso, devido às concepções de gênero rígidas e estreitas, vemos os meninos sofrendo com esta perda, o que se mostra como uma restrição aos seus direitos de livre acesso à prática esportiva.

Uma mudança deste quadro só seria possível através da tomada de consciência, especialmente por parte dos profissionais da área, sobre a importância e os benefícios de se desenvolver a modalidade. Isso também passaria pela efetiva implantação da discussão sobre as questões de gênero nos cursos superiores de Educação Física no Brasil.

Além disso, estudos em torno desta temática são necessários para identificar as principais causas deste fenômeno, tornando possível a elaboração de estratégias visando atrair o público masculino e proporcionar o crescimento da GA masculina em nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGEL, J. B.; GARCIA, E. F.; ZAMORANO, M. A. Esteriotipos de gênero, actividad física y escuela: la perspectiva de lo alumnado. **Professorado – revista de curriculum y formacion del professorado**, v. 11, n. 2, p. 1 – 19, 2007. Disponível em: <<http://www.ugr.es/local/recpro/rev112ART5.pdf>> Acesso em 25 de maio de 2008.

CONNELL, Robert. Políticas de masculinidade. **Educação & Realidade**, n. 20, v.2, 1995, p. 185-206.

GOMES, P.; SILVA, P.; QUEIRÓS, P. Para uma estrutura pedagógica renovada, promotora da Co-Educação no Desporto. In.: Simões, A. C.; Knijnik, J. D. (orgs). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: Comportamento, Gênero, Desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004, p. 173-190.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE GINÁSTICA. **Arquivos para o ano calendário 2008** – Troféu São Paulo de Ginástica Artística 1ª fase – AABB São Paulo, 07/06/2008. Disponível em: http://www.ginasticas.com.br/conteudo/cont_entidades_fpg_2008.html. Acesso em 30 de junho de 2008.

HEILBORN, M. L. De que gênero estamos falando? **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, ano 1, n. 2, CEPESC/IMS/UERJ, 1994.

KOIVULA, N. Perceived characteristics of sports categorized as gender-neutral, masculine and feminine. **Journal of Sport Behavior**, v. 24, n. 4, 2001, p. 337 – 393.

LOURO, G. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M.J.; MEYER, D.; WALDOW, V (orgs.) **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 12 – 19.

PEREIRA, E. G. B. Discutindo gênero, corpo e masculinidade. In.: ROMERO, E.; PEREIRA, E. G. B. **Universo do corpo – masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Shape, 2008, p. 87 – 101.

PÚBLIO, N. S. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. São Paulo: Phorte, 1998.

ROMERO, E. A. (in) visibilidade da mulher atleta no jornalismo esportivo no Rio de Janeiro. In.: Simões, A. C.; Knijnik, J. D. (orgs). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: Comportamento, Gênero, Desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004, p. 213-252.

RUSSELL, K. Ginástica: por que ela faz parte do currículo escolar? Tradução: Myrian Nunomura. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v.1, n. 8, p. 103-108, 2000.

SALLES-COSTA, R.; HEILBORN, M. L. ; WERNECK, G. L.; FAERSTEIN, E.; LOPES, C. S. Gênero e prática de atividade física de lazer. **Cadernos de Saúde Pública**, n. 19, supl. 2, Rio de Janeiro, 2003.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.

SOARES, C. M. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 1998.

SILVA, A. M.; DAOLIO, J. Análise etnográfica das relações de gênero em brincadeiras realizadas por um grupo de crianças de pré-escola: contribuições para uma pesquisa em busca dos significados. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 01, p.13-37, jan/abr, 2007.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Caderno Cedes**, Campinas: Cedes, v.19, n.48, p.52-68, 1999.

ZUZZI, R. P. **As relações de Gênero na formação profissional em Educação Física**. 2005. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2005.

Contatos

Universidade de São Paulo
Fone: não fornecido pelo autor
Endereço: Av. Mello Moraes, 65 - Cidade Universitária – SP, CEP: 05508-030
E-mail: maharumi@usp.br

Tramitação

Recebido em: 15/08/08
Aceito em: 30/05/09